



História da Historiografia: International  
Journal of Theory and History of  
Historiography

E-ISSN: 1983-9928

historiadahistoriografia@hotmail.com

Sociedade Brasileira de Teoria e História  
da Historiografia

Nicolazzi, Fernando

O narrador e o viajante: notas sobre a retórica do olhar em Os sertões  
História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography,  
vol. 2, núm. 2, marzo, 2009, pp. 67-85

Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=597769322005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## O narrador e o viajante: notas sobre a retórica do olhar em *Os sertões*\*

The narrator and the observer: notes on the rhetoric of sight in *Os sertões*

**Fernando Nicolazzi**

Professor Adjunto  
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)  
f.nicolazzi@hotmail.com  
Rua do Seminário, s/n - Centro  
Mariana - MG  
35420-000

### Resumo

O artigo traça uma reflexão sobre as estratégias de escrita utilizadas por Euclides da Cunha na feitura de seu *Os sertões*, notadamente no recorte discursivo que separa as figuras do *narrador*, enquanto aquele que relata, e do *viajante*, enquanto aquele que observa. A partir da análise da "retórica do olhar" euclidiana, sugiro que um dos elementos constituidores da força argumentativa do livro reside na idéia de *distância*, no caso, a que cria o hiato entre narrativa e observação.

### Palavras-chave

67

História da Historiografia; Brasil; Euclides da Cunha.

### Abstract

The work brings a reflection on the writing strategies used by Euclides da Cunha when he wrote his *Os sertões*, specially on the discursive cut which opposes the *narrator*, as the one who relates, from the *observer*, as the one who sees. After analyzing the Euclides da Cunha's "rhetoric of sight", I suggest that one of the main aspects of the argumentation in *Os sertões* is the notion of *distance*, in this case, between the narrative and the observation.

### Keyword

History of Historiography; Brazil; Euclides da Cunha.

---

Enviado em: 23/10/2008  
Autor convidado

---

\* O presente artigo é uma versão revista de um trecho de minha tese de doutorado defendida na UFRGS em abril de 2008, sob orientação de Temístocles Cezar. Agradeço a leitura generosa dos colegas do GT de Teoria da História e Historiografia, do núcleo da ANPUH/RS, que em uma manhã de sábado, em setembro de 2007, debateram uma versão preliminar do texto. Durante o período da pesquisa, contei com apoio financeiro da Capes.

Dedicado à professora  
Ana Maria de Oliveira Burmeister

*"O senhor tolere, isto é o sertão. Uns  
querem que não seja [...] O sertão está  
em toda parte"*

João Guimarães Rosa

## Um olhar clínico: a observação e a figura do *observador*

Do princípio ao final de *Os sertões*, Euclides da Cunha estabelece sua filiação a uma tradição extensa de representação do real. Em 1901, na nota preliminar que abre o livro, a menção a Hippolyte Taine para definir o "narrador sincero que encara a história como ela merece", aponta desde o início as pretensões do autor: a sinceridade do relato, o desenho correto dos eventos sem, todavia, fazer perder seu colorido e, por conseguinte, sua própria realidade. Dois anos mais tarde, nas notas acrescidas à segunda edição do texto, Euclides retorna alguns séculos para abrir seu precedente e fechar por definitivo sua obra. Desta vez Tucídides, narrador fiel das coisas que ele próprio testemunhou, surge nas páginas do livro para informar ao leitor que aquele que ali escreve, embora sem "a mesma visão aquilina" do historiador grego, também assim o faz porque viu e porque presenciou os feitos ora narrados (CUNHA 2004, p. 14 e 510).<sup>1</sup> Aquele que narra a "epopéia de Canudos", portanto, se coloca, através da própria narrativa, como aquele que observou para representar veridicamente os eventos relatados.

Personagem múltiplo que percorre sem cessar tanto os confins do sertão como as páginas de *Os sertões*, o "observador-viajante" desempenha na obra uma função essencial para sua compreensão.<sup>2</sup> Sua existência permite a Euclides trabalhar sobre um duplo fundamento: ele tanto assegura que o autor viu aquilo que relata – sua função na primeira pessoa –, como propicia que, ao mesmo tempo, o próprio ato da visão seja problematizado – quando atribuído

<sup>1</sup> Como é sabido, Taine está presente inclusive na divisão da obra, respeitando as definições de meio, raça e momento que o historiador francês estabeleceu para seu estudo da literatura inglesa, ainda que em *Os sertões* ocorra a inversão dos fatores, sendo o meio preponderante à raça. Luiz Costa LIMA. *Terra ignota. A construção de Os sertões*, p. 99. Leopoldo Bernucci, por sua vez, considera que "seria ingênuo pensar que o *narrador sincero* tomado de Taine [...] deva ser sempre o porta-voz objetivo d'*Os sertões*". Bernucci salienta ainda, quanto à divisão da obra, a influência do *Quatrevingt-treize*, de Victor Hugo, cujo primeiro livro da terceira parte, intitulada "*En Vendée*", subdividindo-se em sete capítulos, contém três cujos títulos são significativos: (I) *Les fôrets*, (II) *Les hommes* e (V) *Leur vie en guerre*. Leopoldo BERNUCCI. *A imitação dos sentidos*, p. 28. A referência a Tucídides, embora não explícita dessa maneira no livro, pode ser também percebida pela ênfase com que Euclides define o confronto no sertão baiano, como se nenhum dos anteriores se equivalessse à desmedida da guerra em Canudos, justificativa semelhante à dada pelo historiador grego para narrar sua guerra do Peloponeso. TUCÍDIDES, I, I. Utilizo a edição estabelecida por Jacqueline de Romilly e traduzida para o português por Anna Lia Amaral de Almeida PRADO. *História da Guerra do Peloponeso*, p. 3.

<sup>2</sup> O personagem como tal já se encontrava nos escritos anteriores ao livro, na caderneta de campo e nas reportagens enviadas ao jornal *O Estado de São Paulo*. Ver Roberto VENTURA. *Euclides da Cunha. Esboço biográfico*, p. 156 e ss.

à terceira pessoa.<sup>3</sup> Há um motivo prático para isso: boa parte das descrições feitas por Euclides, sobretudo em relação à primeira parte da obra, foram elaboradas a partir de informações colhidas em outros autores, outros viajantes e, notadamente, nas cartas cartográficas produzidas pelo engenheiro Teodoro Sampaio, à época companheiro na Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas de São Paulo. Sampaio seguiu para o sertão por volta de 1880, fornecendo, não apenas ao seu colega, mas também ao próprio comando do exército, importantes instruções geográficas sobre a região.<sup>4</sup> Nesse sentido, a criação de um personagem serve justamente para contornar o fato desse conhecimento indireto utilizado no livro: se o saber resulta de uma observação, o sujeito que o produziu nem sempre coincide com o sujeito que observou. Não obstante, quando em ambiente sertanejo, Euclides fez questão de aproveitar o momento da melhor forma possível e dali extrair tudo o que sua observação direta lhe permitia para melhor escrever sobre o lugar. Segundo o depoimento de Alfredo Silva, repórter do jornal carioca *A Notícia*, ainda em Monte Santo o correspondente de *O Estado de São Paulo* observava com precisão a natureza, tal como um viajante-naturalista (VENTURA, 1998, p. 168-169).<sup>5</sup>

No livro, portanto, nem sempre se estabelece a coincidência direta entre narrador e viajante, pois Euclides joga com ambos de maneira a tentar criar um único e quase impessoal olhar legitimador; uma espécie de “olho de Zeus” que alguns historiadores antigos almejavam.<sup>6</sup> Se o motivo aparente pode ser o acima ressaltado, o que importa manter, entretanto, são as conseqüências epistemológicas de uma tal escolha, pensar o que ela implica e o que determina para a força interpretativa do livro. Uma vez que é através desta figura eminente do observador-viajante atravessando o relato do narrador que a observação desvela o olhar que a sustenta e a narrativa evidencia os fundamentos que a tornam possível.

<sup>3</sup> Essa distinção entre o emprego de uma voz impessoal do viajante que desloca a figura do “eu” no discurso já foi notada em Gínia Maria de Oliveira GOMES. *A travessia de uma Terra ignota*, sobretudo, o terceiro capítulo, “Uma narrativa de viagem”, p. 109-161. Todavia, a autora mantém certa ambigüidade nessa perspectiva, pois, em outro momento, justapõe narrador e observador, como na passagem em que afirma que “a viagem tem no olhar atento do narrador a marca distintiva”, p. 132. Leopoldo Bernucci considera que a multiplicidade de vozes no texto euclidiano seria mais uma maneira de compreender a “literariedade” de seu discurso, já que ela seria “atípica do discurso sociológico ou histórico da época”. Leopoldo BERNUCCI. *Op. cit.*, p. 22. Como se verá, a proposta deste texto é trabalhar a partir da divergência criada por Euclides entre aquele que vê e aquele que escreve, possibilitada pela “invenção” do personagem do observador-viajante. Nesse sentido, pretende-se entender *Os sertões* menos como um relato de viagem, da maneira como ele é compreendido por Gínia Gomes, do que como um relato sobre a viagem. A diferença, espero, ficará evidente no decorrer da argumentação.

<sup>4</sup> Em artigo na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Baía*, publicado em 1919, Sampaio teria escrito as seguintes palavras: “Levou-me [Euclides] algumas notas que eu lhe ofereci sobre as terras do sertão que eu viajara antes dele em 1878. Pediu-me cópia de um meu mapa ainda inédito na parte referente a Canudos e vale superior do Vaza-Barris, trecho do sertão ainda muito desconhecido, e eu lho forneci”. Citado em Gilberto FREYRE. *Atualidade de Euclides da Cunha*. (versão eletrônica disponível no site da Fundação Gilberto Freyre).

<sup>5</sup> Sobre a conjugação entre história natural e viagem, ver Jean-Marc DROUIN. “De Linné à Darwin: les voyageurs naturalistes”. In: SERRES, Michel (sous la direction de). *Éléments d'histoire ds sciences*, p. 321-335.

<sup>6</sup> “Ver como Zeus”, ou seja, enxergar com equivalente precisão (à distância, de cima) os dois lados da contenda. Sobre isso, remeto a Adriana ZANGARA. *Voir l'histoire. Théories anciennes du récit historique*, p. 23 e ss.

Primeira parte, *A terra*, seção primeira, eis sua aparição: “e o observador que seguindo este itinerário deixa as paragens em que se revezam, em contraste belíssimo, a amplitude dos gerais e o fastígio das montanhas, ao atingir aquele ponto estaca surpreendido...” (CUNHA, 2004, p. 22). O narrador relata a observação, sendo o observador, no livro, justamente aquele que se deixa surpreender pela paisagem. Mas é também aquele que sabe ver com um olhar mensurador, treinado segundo os conceitos das ciências naturais; é aquele que, na boa linguagem técnica dos manuais, descreve com minúcia o lugar que servirá de palco para o drama narrado com minúcias na terceira parte. Mais do que tudo, ele é aquele que sabe ver melhor que seus predecessores. Se, por um lado, a grandeza daquilo que vê permite justificar certos “exageros descritivos – do gongorismo de Rocha Pita às extravagâncias geniais de Buckle”, por outro, permite retificar também outros excessos descritivos, de Eschwege ao “ilustre” Martius (CUNHA, 2004, p. 18, 19 e 26). Pautado pelo rigor, seu olhar de viajante e de engenheiro,<sup>7</sup> tenta não se deixar levar pelos engodos da paisagem sertaneja. Aquilo que se afigura para olhos quixotescos como ruínas de antigos castelos e suntuosas civilizações, para o olhar geológico do cientista não passam de “assomadas gnáissicas caprichosamente cindidas em planos quase geométricos, à maneira de silhares, que surgem em numerosos pontos, dando, às vezes, a ilusão de encontrar-se, de repente, naqueles ermos vazios, majestosas ruínas de castelos” (CUNHA, 2004, p. 27).<sup>8</sup>

Sobre a descrição do habitante do sertão, já na parte seguinte da obra, ele adverte para a pluralidade das análises antropológicas. Condena, nesse sentido, o exagero que levou alguns autores à sobredeterminação das capacidades étnicas na formação dos povos. Sem discordar plenamente de tal perspectiva, Euclides tenta se distinguir dessa exaltação racial, a qual determinaria, nas suas palavras, a “irrupção de uma meia-ciência difundida num extravar de fantasias, sobre ousadas, estéreis”. Haveria, portanto, “como que um excesso de subjetivismo no ânimo dos que entre nós, nos últimos tempos, cogitam de cousas tão sérias, com uma volubilidade algo escandalosa, atenta as proporções do assunto. Começam excluindo em grande parte os materiais objetivos oferecidos pelas circunstâncias mesológica e histórica” (CUNHA, 2004, p. 70). Por tais razões, reitera a primazia da observação direta nos procedimentos descritivos dos quais se vale. Para descrever fielmente as características dos “nossos patrícios retardatários”, ele procura evitar “os garbosos

<sup>7</sup> “Definidos como os ‘profissionais da observação’, ‘especialistas em olhar competentemente’, os engenheiros substituíam os viajantes europeus em passagem pelos trópicos, sendo capazes de sistematizar um trabalho de observação científica em relatórios que constituíam a base para as reformas necessárias”. Regina ABREU. *O enigma de Os sertões*, p. 88.

<sup>8</sup> O engano da paisagem como castelo aparece ainda em outra passagem da terceira parte, *A luta*, p. 226. Segundo Flora Sússekind, analisando o processo de historicização da natureza que se dá coetânea à formação do narrador ficcional no século XIX, “a paisagem natural passa, portanto, por diversas transfigurações históricas possíveis. E por vezes se medievaliza em castelos, torres, abóbadas e águas que se encontram em relação de vassalagem, por vezes se converte numa curiosa duplicata da torre do Tombo, funcionando também como depósito de pergaminhos e itinerários a rigor importantíssimos para o desenrolar das tramas”. Flora SÚSSEKIND. *O Brasil não é longe daqui*, p. 201.

neologismos etnológicos” e prega com uma convicção notável: “sejamos simples copistas. Reproduzamos, intactas, todas as impressões, *verdadeiras ou ilusórias*, que tivemos quando de repente, acompanhando a celeridade de uma marcha militar, demos de frente, numa volta do sertão, com aqueles desconhecidos singulares, que ali estão – abandonados – há três séculos” (CUNHA, 2004, p. 104, *itálico meu*). Está tudo ali: o limite quase indistinto para a observação entre verdade e ilusão, o acaso que coloca o observador diante de seu objeto, a insuficiência das palavras (os “garbosos” conceitos) diante da preponderância dos olhos.

Mas, de fato, o sertão se mostra objeto incerto e perigoso para aquele que tenta domesticá-lo pelo olhar, inclusive para o olhar treinado. São constantes, sobretudo na primeira parte da obra que descreve a terra e justamente quando a descrição é pautada em grande parte pelo registro de outros observadores, as menções à surpresa e ao pasmo do viandante em face de semelhante paisagem, como se tudo aquilo que fora lido se encontrasse, de repente, em descompasso com o que os olhos podiam contemplar: “é uma paragem impressionadora” e “ao atingir aquele ponto estaca surpreendido...” (CUNHA, 2004, p. 26 e 22). Os três pontos finais, recorrentes em diversos parágrafos do livro, dramatizam ainda mais a cena, permitindo ao leitor o tempo necessário para se aperceber do fato e constatar a própria surpresa relatada. Ela persiste ainda em outras cenas, como na aproximação ao terreno da luta, em que “inesperado quadro esperava o viandante que subia, depois desta travessia em que supõe pisar escombros de terremotos, as ondulações mais próximas de Canudos” (CUNHA, 2004, p. 34). Com isso, tanto o que se vê quanto o ato mesmo da visão e da surpresa assumem relevo particular, já que não basta apenas dirigir o olhar para o objeto, é preciso também ultrapassar este primeiro momento de assombro para que a observação não se perca nos meandros das impressões fabulosas.

Entre o inesperado e o impressionante existe uma região nebulosa onde é constante o perigo do erro e da ilusão. O sertão não se deixa apreender facilmente; ele inibe, destoa, ofusca o olhar a ele dirigido: “à luz crua dos dias sertanejos aqueles cerros aspérrimos rebrilham, estonteadoramente – ofuscantes, num irradiar ardentíssimo...” (CUNHA, 2004, p. 28). Mais adiante na obra, o autor explica com detalhes o fenômeno causado pelo sertão: trata-se de uma “moléstia extravagante”, a *hemeralopia*: “esta falsa cegueira é paradoxalmente feita pelas reações da luz; nasce dos dias claros e quentes, dos firmamentos fulgurantes, do vivo ondular dos ares em fogo sobre a terra nua”. Paradoxalmente, o perigo maior para o observador é justamente esta “pletora do olhar” (CUNHA, 2004, p. 122); ver em demasia, pelo menos neste espaço distinto que parece inverter e subverter as leis do mundo, é correr o risco da ilusão e da cegueira. A observação requer uma justa medida. Se a vastidão do terreno, imenso desconhecido que as melhores cartas cartográficas apontavam como uma “terra ignota”, causa a vertigem do olhar, o excesso de luz irrita os olhos prejudicando a tarefa. Tudo no sertão é demais: o tamanho, a



luminosidade, o atraso, a ignorância (*do sertão e sobre o sertão*). Aquele que se presta a tal empreendimento, desvendar pela ciência e interpretar pelas letras seus segredos, trabalha sempre na fronteira do erro, da civilização e do tempo. “E por mais inexperto que seja o observador – ao deixar as perspectivas majestosas, que se desdobram ao Sul, trocando-as pelos cenários emocionantes daquela natureza torturada, tem a impressão persistente de calcar o fundo recém-sublevado de um mar extinto, tendo ainda estereotipada naquelas camadas rígidas a agitação das ondas e das voragens...” (CUNHA, 2004, p. 29). O sertão como um oceano antigo incita o equívoco, embora Euclides se esforce em comprovar a tese da suposta ancestralidade marítima do deserto sertanejo.

O calor excessivo induz a “fenômenos óticos bizarros”, como o de ver o movimento das vagas em pleno deserto. E também, olhando-se a favela de cima e ao longe, a impressão que se tem é de uma planície desprovida de solo. “O olhar fascinado perturbava-se no desequilíbrio das camadas desigualmente aquecidas, parecendo varar através de um prisma desmedido e intáctil, e não distinguia a base das montanhas [...] a ilusão maravilhosa de um seio de mar, largo, irisado, sobre que caísse, e refrangesse, e ressaltasse a luz esparsa em cintilações ofuscantes...” (CUNHA, 2004, p. 39). Assim todo em desequilíbrio e excesso, o sertão acaba também por desequilibrar a própria ciência ávida em capturá-lo nas malhas fortes de seu tecido discursivo.<sup>9</sup> “O penoso regime dos estados do Norte está em função de agentes desordenados e fugitivos, sem leis ainda definidas”. O mesmo valendo para seu regime climático, cujo ritmo notável recorda ao autor “o desdobramento de uma lei natural, ainda ignorada” (CUNHA 2004, p. 42 e 40). Fora da lei ou das leis determinadas pela acolhida científica, o sertão parece escapar a este tipo de apreensão.<sup>10</sup>

Ainda: se para a “imaginativa ingênua” do caboclo o lugar se assemelha ao céu, tamanha a ilusão causada pela paisagem, à igual desventura está fadado aquele que não souber observar com precisão e da maneira que o objeto requer. Antes de tudo, a visão demanda tempo, e o desconhecimento do sertão é também uma falha causada pela pressa, pois “nenhum pioneiro da ciência suportou ainda as agruras daquele rincão sertanejo, em prazo suficiente para o

<sup>9</sup> Em seu aprofundado estudo sobre a escrita de *Os sertões*, Leopoldo Bernucci defende a tese de que, dadas as dificuldades em se descrever a realidade sertaneja, Euclides se valeu de um intenso esforço mimético tendo por base outros tantos textos importantes, seja romance (José de Alencar), seja escrito jornalístico (Afonso Arinos). Dessa maneira, explica-se o recurso constante à intertextualidade na feitura do livro, o que o empurraria para o espaço da ficcionalidade, pois o referente de seus enunciados seria, antes da natureza sertaneja, outras descrições feitas anteriormente. Nas palavras de Bernucci, “sendo a realidade, muitas vezes, fisicamente inalcançável ou concebida por Euclides como objeto de representação, de certa maneira inapreensível, intraduzível pelo aparato discursivo do autor, sobram a este nada mais que os sentidos atribuídos por outros a esta realidade”. Leopoldo BERNUCCI. *Op. cit.*, p. 17.

<sup>10</sup> Importante notar que Euclides, ele próprio, opera uma relativização do determinismo das leis científicas ao sugerir, por exemplo, que as teorias climatológicas gerais devem respeitar as particularidades locais de cada região específica e, sobretudo, a própria história delas: “toda a climatologia, inscrita nos amplos lineamentos das leis cosmológicas gerais, desponta em qualquer parte adicta de preferência às causas naturais mais próximas e particulares”. Ou seja, as leis obedecem também a princípios históricos. (CUNHA, 2004, p. 71).

definir” (CUNHA, 2004, p. 35).<sup>11</sup> Mesmo Euclides, ele próprio o reconhece, não estava nas melhores condições para o empreendimento proposto. Dessa maneira, no livro “o que se segue são vagas conjecturas. Atravessamo-lo [o sertão] no prelúdio de um estio ardente e, vendo-o apenas nessa quadra, vimo-lo sob o pior aspecto. O que escrevemos tem o traço defeituoso dessa impressão isolada, desfavorecida, ademais, por um meio contraposto à serenidade do pensamento, tolhido pelas emoções da guerra. Além disto os dados de um termômetro único e de um aneróide suspeito, misérrimo arsenal científico com que ali lidamos, nem mesmo vagos lineamentos darão de climas que divergem segundo as menores disposições topográficas, criando aspectos díspares entre lugares limítrofes” (CUNHA, 2004, p. 36). Sem tempo e desprovido de aparato técnico apropriado, o observador deixa clara a complexidade da sua prática. Em alguns momentos, uma situação inusitada cerca o seu trabalho, permitindo uma análise de improviso, como por exemplo a mensuração da “secura da atmosfera” no ambiente: “não a observamos através do rigorismo de processos clássicos, mas graças a higrômetros inesperados e bizarros”. No caso, o corpo murcho e seco de um soldado que “descansava” sob o sol poente, morto havia três meses (CUNHA, 2004, p. 37-38).

Na sua retórica do olhar, Euclides se vale de procedimento peculiar. A ênfase recorrente nos perigos do objeto e na dificuldade da observação é também uma estratégia discursiva para ressaltar a competência do observador e o valor do trabalho realizado.<sup>12</sup> Objeto indócil, o sertão expulsa e violenta o observador-viajante: “a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o, enlaça-o na trama epinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças” (CUNHA, 2004, p. 44).<sup>13</sup> Mas o observador ressurgue, com o corpo marcado e a veste rasgada, já então ocupando para o leitor a figura do herói de civilização, aquele que não se deixa sucumbir pela crueza do objeto primitivo. Se a vegetação o agride, ela também lhe revela sua história, mesmo que à revelia. Enquanto que nas florestas a batalha travada entre as espécies da flora é pela luz solar, ali no sertão, um mundo invertido, o astro é o inimigo a evitar. A prova dessa luta insana que a natureza mantém consigo mesma reside em detalhes quase imperceptíveis: “as plantas mais robustas trazem no aspecto anormalíssimo, impressos, todos os estigmas desta batalha surda” (CUNHA, 2004, p. 45). A competência do viajante reside, pois, na sua capacidade de interpretar tais vestígios, no saber bem observar a paisagem que, por sua vez, tende sempre a

<sup>11</sup> Neste ponto, vale notar a crítica do botânico José de Campos Novaes sobre a tábula rasa que Euclides fez dos demais cientistas que estiveram nos sertões antes dele, salientando (Novaes) a validade das observações e descrições sobre a flora realizadas por von Martius. José de Campos NOVAES. “Os sertões”. *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, 31/1/1903, reproduzido em Valentim FACIOLI; José Leonardo do NASCIMENTO (orgs.). *Juízos críticos*, p. 115 e ss.

<sup>12</sup> Rodrigo Turin desenvolve esta idéia, a da ênfase na dificuldade de uma tarefa como forma de valorizá-la, para a escrita da história no século XIX. Ver Rodrigo TURIN. *Narrar o passado, projetar o futuro: Silvio Romero e a experiência historiográfica oitocentista*, *passim*.

<sup>13</sup> De igual maneira, a caatinga será também um dos grandes inimigos das forças expedicionárias enviadas para debelar a “rebelião monarquista”, p. 203.



afastar o observador que pretende capturá-la. Quanto mais difícil o olhar, portanto, tanto maior é a qualidade daquele que vê, reconhecida por seus próprios pares.<sup>14</sup> As palavras contemporâneas de José Veríssimo são emblemáticas dessa boa acolhida da obra: Euclides é autor “que sabe vêr e descrever...”. Além dele, J. dos Santos atesta o mesmo veredicto, pois, no que se refere propriamente à campanha, “a sua descrição é a de quem esteve presente, de quem viu todos os fatos – fatos que ele nos força a ver, com uma intensidade admirável de estilo, um estilo nervoso, colorido, original”. Euclides é, conseqüentemente, “uma testemunha preciosa. Sabe ver e sabe contar” (*apud* FACIOLI; NASCIMENTO, 2003, p. 39 e 41). Passado mais de meio século da publicação do livro, ainda é certificada a competência do observador da história, apesar de algumas críticas em contrário, entre elas a conhecida de Moreira Guimarães, ainda em 1903, para quem “esse belo trabalho é mais produto do poeta e do artista que do observador e do filósofo” (*apud* FACIOLI; NASCIMENTO, 2003, p. 87). Além dele, como confidenciou Gilberto Amado em suas memórias, o general Siqueira de Menezes, participante ativo do conflito baiano e, talvez, tocado pela visão pouco positiva que Euclides construiu sobre o exército brasileiro, reclamava sobre o autor: “tudo mentira! Não passou por lá [...] Não viu nada. Nada daquilo é verdade” (*apud* LIMA, 1997, p. 127). Contra isso, Olímpio de Sousa Andrade sugere, já em 1960, que “a probidade de Euclides como historiador de fatos que presenciou, à base de documentos que citou, continua de pé” (ANDRADE, 1960, p. 287).

Todos estes pontos surgem de maneira clara já na primeira parte da obra, onde reside o “núcleo duro” da sua cientificidade, ainda que seja ela proporcionalmente menor que as duas outras partes que compõem o livro.<sup>15</sup> O observador que ali emerge traz consigo um olhar mensurador e produz um registro clínico sobre a terra; ele mede seus espaços, atribui-lhe significados, classifica suas formas, analisa sua formação geológica e assim por diante. Por meio de instrumentos conceituais e técnicos que a ciência lhe fornece, alguns sem boas condições de uso (como o aneróide mencionado) e outros cujo uso apresenta contradições (como a abordagem demasiado livre que faz de alguns autores), tal personagem se situa solitário diante de seu objeto, pairando por sobre ele a uma distância razoável que lhe permite uma visão de conjunto, a despeito da enorme dificuldade da tarefa. A observação euclidiana é toda ela marcada por aquilo que Anthony Pagden definiu como “*the objectifying habit*” (PAGDEN, 1997, p. 225), ou seja, pela idéia de ruptura entre sujeito-observador e objeto-observado; é apenas no estabelecimento e na manutenção constante

<sup>14</sup> Gínia Gomes sugere, por outro lado, que a ênfase nas dificuldades da tarefa seria motivada por uma “imaginação cristã” assumida por Euclides. A partir dela, a viagem é encarada como *provação* (o caminho necessário para a redenção). A autora mostra com propriedade como em vários momentos do livro as dificuldades em se observar o sertão vêm sempre acompanhadas de uma visão compensatória, uma espécie de “visão do paraíso”. A surpresa do viandante cederia lugar ao encanto sublime da paisagem. Gínia Maria de Oliveira GOMES. *Op. cit.*, p. 139 e ss.

<sup>15</sup> Leopoldo Bernucci sugere também que, notadamente desenvolvido na primeira parte, mas presente ainda de forma intensa nas subseqüentes, o discurso geológico seria a matriz organizadora do corpus discursivo de *Os sertões*. Ver Leopoldo M. BERNUCCI, “Prefácio”. In CUNHA, 2001, p. 13-49.

dessa diferença que um saber positivo sobre o sertão poderia ser produzido. Tal é a razão também para a distinção, fundamental para a obra, entre o observador-viajante e o narrador. Sem esta justaposição de personagens, ou pelo menos sem que ela seja constante, ao narrador é possível situar com precisão o lugar ocupado na cena pelo viajante que observa, em alguns casos ele próprio assumindo tal tarefa; sobretudo, ao primeiro é dada a possibilidade de narrar inclusive o ato mesmo da observação, informando ao leitor seus infortúnios e seus sucessos, mas sempre colocando o narrador numa posição de resguardo: não como aquele que viu, mas sim como aquele que soube avaliar as muitas e diversas visões, escolhendo dentre elas as mais condizentes com seu intuito, qual seja, representar verdadeiramente o real.<sup>16</sup>

Seguindo, entretanto, o percurso do livro, é possível notar uma lenta, porém não definitiva, aproximação entre viajante e narrador (até o fim do livro Euclides joga indefinidamente com a primeira e a terceira pessoa), ao mesmo tempo em que a distância entre observador e observado é reduzida sensivelmente, mesmo que por breves instantes. Da longa duração da *terra* ao tempo curto da *luta* ocorre, não uma mutação, mas um deslocamento do olhar, como seria de se esperar em tal redução de escalas.<sup>17</sup> Contudo, para que isso ocorra é necessária a mediação pela análise sobre o tipo sertanejo, o homem e o tempo médio, segunda parte da obra. Historicizado desde as causas genéticas de sua condição étnica até os motivos econômicos e sociais de sua permanência e de sua situação singular em lugar tão inóspito, o jagunço aparece no livro como ponto de convergência entre natureza e história, entre o olhar distanciado da terra e a visão próxima da luta; é através dele que biologia, geologia e ciências sociais se cruzam formando o esquema interpretativo do livro. É, então, a ele que a interpretação, elaborada segundo os princípios cognitivos da civilização litorânea, é dirigida. E para o engenheiro e futuro professor de lógica Euclides da Cunha, tal civilização forneceu, entre outros, os preceitos lógicos da matemática para perceber tão peculiar figura, o mestiço sertanejo. No caso das misturas entre raças, há um fator primeiro a ser levado em consideração: “como nas somas algébricas, as qualidades dos elementos que se justapõem, não se acrescentam, subtraem-se ou destroem-se segundo os caracteres positivos e negativos em presença. E o mestiço – mulato, mameluco ou cafuz – menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores” (CUNHA, 2004, p. 110).

E se a evolução das espécies, marcada pelo confronto constante entre as raças, leva sempre à culminância da raça superior – “é que são invioláveis as leis do desenvolvimento das espécies” (CUNHA, 2004, p. 101) – essa lógica

<sup>16</sup> Essa dicotomia e separação entre viajante e narrador foi também notada, embora não desenvolvida, por Roberto VENTURA. *Op. cit.*, p. 66.

<sup>17</sup> Para uma atenção dirigida à redução da escala de observação na parte destinada à descrição da terra, ver José Carlos Barreto de SANTANA. “Geologia e metáforas geológicas em *Os sertões*”, p. 117-132.

requer uma revisão pormenorizada. Por um lado, o mulato acaba por desprezar o elemento negro de sua formação, procurando apagar os vestígios de suas inaptidões inatas; por outro, o mameluco do sul se torna bandeirante, elemento ativo de uma raça forte. Até aqui a lei é obedecida, pois se caminha evolutivamente rumo à civilização da espécie. O sertanejo, pelo contrário, não segue os mesmos passos desse desenvolvimento e dessa lei já não tão inexorável. Pois aqui, a matemática do papel cede espaço ao exame empírico: “a observação cuidadosa do sertanejo do Norte mostra atenuado esse antagonismo de tendências e uma quase fixidez nos caracteres fisiológicos do tipo emergente” (CUNHA, 2004, p. 102). Mais do que evoluir, o homem do sertão cessa o movimento natural da biologia. Mas Euclides, consciente de seu papel, acaba por diluir por um efeito conceitual essa aparente contradição. O caso singular do sertanejo se torna a “contraprova frisante” da validade da lei; o esquema cognitivo da civilização não corre risco de se encontrar contradito pela barbárie do sertão. Na sua leitura ou quicá equívoco sobre Gumplowicz, de onde extrai *forçosamente* (LIMA, 1997, p. 24 e ss; LIMA, 2000, p. 40 e ss) que a luta de raças é o motor da história, no sertão ela assume forma ímpar. Seguindo o sociólogo austríaco que lhe serve de fonte, ele pôde concluir que “a raça forte não destrói a fraca pelas armas [mas sim] esmaga-a pela civilização” (CUNHA, 2004, p. 102); mas para os sertanejos “o fator étnico preeminente transmitindo-lhes as tendências civilizadoras não lhes impôs a civilização” (CUNHA, 2004, p. 103). Desse modo, conceitualmente falando, o jagunço é menos um degenerado que um retrógrado. E como tal, ele requer outras medidas: se a civilização, pelo seu próprio movimento, não sucede impor a lei da sua história, que as armas assim o façam!

Essa inflexão teórica tem na obra um inusitado caráter legitimador, como notou Costa Lima: ela permite não apenas explicar, mas mais precisamente justificar os eventos de Canudos.<sup>18</sup> É evidente que essa perspectiva, embora a amenize, não retira de todo o caráter de denúncia do livro de Euclides, para quem, antes que armas, o litoral deveria levar livros para o sertão; ela possibilita, todavia, situar com maior propriedade os efeitos teóricos de sua escrita. Pois é por meio dela que narrativa (neste caso, como um trabalho a partir de conceitos) e observação parecem caminhar, senão lado a lado, ao menos em uma proximidade maior que aquela notada na primeira parte, onde a observação era também um objeto para a narrativa. O olhar coloca à prova a palavra, mas apenas para confirmá-la com maior acuidade. Observação e conceituação se sustentam de forma recíproca; a primeira assegura a validade da segunda, ao passo que esta garante que aquela não incorra em erro ou ilusão. Algo sensivelmente distinto da primeira parte, onde a palavra parecia definir os modos

<sup>18</sup> “A desleitura de Gumplowicz é pois o esteio inarredável para a interpretação ‘científica’ do país e, involuntariamente, o amenizador da denúncia contra o que se perpetrara em Canudos”. Luiz Costa Lima. *Op. cit.*, p. 32. “É verdade que *Os sertões* denuncia o massacre dos prisioneiros, mas a destruição do arraial assumiria um peso menor se, em última análise, seus agentes apenas apressaram o que a História por si se encarregaria de fazer”. Luiz Costa Lima. *Euclides da Cunha. Contrastes e confrontos do Brasil*, p. 46.

de visão utilizados e a narrativa é que definia os caminhos da observação; a terminologia técnica, os elementos de quantificação, os modelos de medida, tudo era já dado de antemão pela ciência, bastando ao observador utilizá-los e ao narrador descrevê-los. As dificuldades do olhar, porém, como notadas pelo abandono dos “garbosos neologismos da ciência”, foram aos poucos abalando estas certezas sobre a infalibilidade do discurso.

Conforme indicou Leopoldo Bernucci, “o que desnorteia Euclides, que busca uma relação congruente entre o que previamente (pensava que) sabia e o que depois vê, é a impossibilidade de facilmente harmonizar essas duas perspectivas, uma cognitivamente livresca; e a outra do saber da própria experiência ou da testemunha ocular” (BERNUCCI, 2001, p. 41).<sup>19</sup> Flora Süssekind chegará à constatação semelhante, embora tratando dos escritos de Euclides sobre a Amazônia. A autora cita passagem em que o engenheiro-viajante descobria, não sem certa frustração, que o Amazonas “real” não equivalia necessariamente àquele descrito, entre outros, por Humboldt. Euclides, sobre isso, escrevera: “todos nós desde mui cedo gizamos um Amazonas ideal, mercê das páginas singularmente líricas dos não sei quantos viajantes que desde Humboldt até hoje contemplaram a *Hyloe* prodigiosa, com um espanto quase religioso – sucede um caso vulgar de psicologia: ao defrontarmos o Amazonas real, vemo-lo inferior à imagem subjetiva há longo tempo prefigurada” (CUNHA, 1926, p. 5). Ocorre para Euclides uma tensão importante entre uma realidade prefigurada pelos registros alheios e aquilo que seus próprios olhos puderam constatar. O problema colocado, dessa maneira, era encontrar o meio válido para re-figurar a realidade observada no âmbito de tal tensão. “É a partir desse confronto entre olhar previamente direcionado, paisagem real e olhar agora desarmado – mas consciente da figuração utópica que o habita – que Euclides constrói o seu relato sobre a Amazônia” (SÜSSEKIND, 2000, p. 33). O mesmo pode ser dito para a escrita de *Os sertões*.

Gínia Maria de Oliveira Gomes, por sua vez, sugere que o descompasso entre o olhar e o conceito teria levado Euclides a abandonar, por sua insuficiência, as teorias científicas de que dispunha para elaborar sua interpretação, privilegiando com isso apenas o âmbito da investigação empírica, isto é, o olhar ou, nas palavras da autora, o “primado da experiência”: “as teses da época são, pois, abandonadas para darem lugar as suas ‘impressões’, verdadeiras ou ilusórias” (GOMES, 1999, p. 65). Levando ao extremo o mencionado abandono dos conceitos científicos, com isso torna-se possível reafirmar o privilégio da imaginação literária na construção de *Os sertões*. Todavia, contra isso é possível argumentar que a renúncia de certas teorias interpretativas não significa

<sup>19</sup> Ao tratar da questão da identidade nacional no texto de Euclides, Marçal Paredes sugere que “frente a essa ‘tensão’ entre o ‘visto’ e o que as categorias científicas permitiam ‘explicar’, o autor organiza uma idéia de nação brasileira que expressa a fissura da dualidade da relação identitária”. Marçal de Menezes PAREDES. *Memória de um ser-tão brasileiro*, p. 16. Esse descompasso entre a visão e a narração já havia sido notado por Mário de Andrade, como lembra Luiz Costa Lima. O autor de *Macunaíma* escreveu que “Euclides transformou em brilho de frase sonora e imagens chiques o que é cegueira insuportável deste solão”. Citado em Luiz Costa LIMA. “*Os sertões*: história e romance”, p. 376.

necessariamente, para o caso de Euclides da Cunha em particular, um descrédito do valor da ciência na apreensão da realidade. Apesar de tudo, e contra o gosto de alguns leitores, Euclides manteve ainda o uso dos tais “garbosos neologismos”. O que o autor procura empreender em seu livro é justamente uma espécie de “correção” da perspectiva científica *a partir* da experiência *in loco*.<sup>20</sup> Em outras palavras, Euclides parece sugerir que mesmo as “leis da ciência” devem ser empregadas segundo uma perspectiva historicizada, de acordo com o objeto ao qual são destinadas.<sup>21</sup> Tal como o viajante moderno que, conquistando paragens desconhecidas, acaba por colocar em suspeita os textos familiares, que não mais dão conta de representar o que se coloca diante dos olhos (GRAFTON; SHELFORD, 1992). Desde então é necessário re-trabalhar as relações entre visão e linguagem, de maneira que a ciência sobre a qual se assenta o discurso não se encontre subjugada pelas intempéries do campo de observação, mas sobretudo que encontre nele novos elementos de legitimação. E para tanto, a observação passa a definir os passos da narrativa; o que se vê não estando mais determinado *a priori* pelo que foi lido.<sup>22</sup> Narrador e observador se encontram... apenas para, ao final do percurso, estarem novamente apartados.

### Outros olhares: o historiador e as testemunhas

No livro, Euclides traça a linha divisória, ainda que complementar, entre a primeira e a segunda parte, salientando para aquela uma análise geológica e para esta um estudo historiográfico e psicológico: “da mesma forma que o geólogo interpretando a inclinação e a orientação dos estratos truncados de antigas formações esboça o perfil de uma montanha extinta, o historiador só pode avaliar a altitude daquele homem, que por si nada valeu, considerando a psicologia da sociedade que o criou” (CUNHA, 2004, p. 132). O autor se refere explicitamente a Antônio Conselheiro, personagem síntese da sociedade sertaneja e do jagunço, de quem é preciso escavar todos os substratos psicológicos que compõem sua personalidade tão peculiar. A escolha pela história, mais do que uma opção intelectual, aparece como necessidade prática, uma vez que tal estudo, para o objeto proposto, não fora ainda realizado. Assim como a formação das comunidades sertanejas no interior da Bahia “não tiveram

78

<sup>20</sup> Embora tal correção tenha falhado, no julgamento de Roquette-Pinto, pelo menos uma vez. Segundo o cientista, Euclides permaneceu refém da teoria na sua descrição da população mestiça: ele que viu a destreza e o valor moral do jagunço em pleno combate, preferiu repetir os conceitos sobre a degradação resultante da mestiçagem. “Ora, aquele pessimismo, injustificável numa testemunha ocular da tragédia de Canudos, é a repetição dos conceitos errados de Agassiz”, E. ROQUETTE-PINTO. “Euclides da Cunha naturalista”, p. 286.

<sup>21</sup> Luiz Costa Lima, nesse sentido, aponta que a ciência defendida por Euclides era menos o simples uso do instrumental teórico do que sua aplicação empírica. Se ele praticava uma espécie de culto à ciência, era, pois, à ciência aplicada. Luiz Costa LIMA. *Euclides da Cunha. Contrastes e confrontos do Brasil*, p. 23. Costa Lima tece sobre isso um juízo rigoroso, indicando a série de abusos conceituais praticados por Euclides: “o verdadeiro nome do aplicacionismo cientificista de Euclides era este: um pragmatismo grosseiro”, p. 49.

<sup>22</sup> Para um desenvolvimento das relações entre o *ver* e o *dizer*, isto é, entre a prática da observação e o espaço do discurso na experiência moderna, em particular sobre a experiência médica ocidental, ver Michel FOUCAULT. *O nascimento da clínica, passim*.



um historiador”, sendo que “a extraordinária empresa apenas se retrata, hoje, em raros documentos, escassos demais para traçarem a sua continuidade” (CUNHA, 2004, p. 95), o mesmo acontece com movimentos sociais da região, onde “as agitações sertanejas, do Maranhão à Bahia, não tiveram [também] um historiador” (CUNHA, 2004, p. 127). É, pois, no esforço de suprir esta lacuna bibliográfica que o autor procura inserir seu livro, como um escrito de história sobre o sertão. Na terceira parte continua a falar o historiador, na fronteira imprecisa que o aproxima do etnógrafo, misturando no texto o trabalho de pesquisa sobre fontes (jornais, relatórios militares, depoimentos e memórias) com os dados obtidos através de sua observação direta aos acontecimentos e anotados em seu “caderno de campo”.

Para a questão fundamental da qual se ocupa esta análise, o uso que Euclides faz de outros registros, sobretudo registros de olhares, assume uma posição particular. Alguns exemplos servem para demonstrar a maneira pela qual ele pretende legitimar sua apropriação. Nesse sentido, o que conta para a utilização de outros observadores é obviamente a qualidade de seus relatos. Exemplo: comentando, em carta ao rei de Portugal, o desregramento dos colonos e caboclos nos distantes ermos baianos, o padre Nóbrega definiu bem a situação, “pintando com ingênuo realismo a dissociação dos costumes” daquele lugar bem como a incorporação “dos hábitos gentílicos” por parte dos novos habitantes (CUNHA, 2004, p. 86). Ainda que ingênuo, o “realismo” do jesuíta justifica seu uso na obra em questão. Em outro caso, embora não se trate de um observador direto dos eventos que relata, mas sim de um registro de segunda mão, seu uso é legitimado por se tratar de um “narrador sincero” (CUNHA, 2004, p. 86).<sup>23</sup> Essa prática definidora da maneira como Euclides administra as provas de seu discurso se multiplica pelo livro de forma notável. Sobre a genealogia de Conselheiro, um Coronel João Brígido dos Santos aparece como “narrador consciencioso”. Ainda sobre a história pessoal do profeta, um Manuel Ximenes, apesar da sisudez de suas *Memórias*, surge como “cronista sincero”. E quanto à fama notória do “doudo” que desafiou a república, a *Folhinha Laemmert* de 1877 traz em suas páginas “dizeres rigorosamente verídicos” (CUNHA, 2004, p. 135, 137, 144). Ao leitor do livro não são informados os critérios de tais escolhas; apenas sabe-se tratar de relatos verossímeis e aceitáveis, ao menos se se acreditar no juízo crítico do autor, como ele assim o quer.

Não é apenas, porém, de palavras alheias de que se vale o escritor de *Os sertões*; vale-se também de outros olhares, daquilo que definiu como “testemunhas de vistas”. E para tanto, no seu uso se faz obrigatória uma separação entre os registros válidos e os outros carregados de desvios e superstições, próprios, por exemplo, da cultura narrativa dos sertanejos (“todas as histórias, ou lendas entretecidas de exageros, segundo o hábito dos narradores do sertão”) (CUNHA, 2004, p. 140). Na reconstituição feita da vida de Conselheiro,

<sup>23</sup> Euclides se refere a Aires de Casal e sua *Corografia Brazilica*.



Euclides narra uma situação que considera curiosa, quando, preso pelas forças da ordem, ele teria sido “espancado covardemente nas estradas” pela escolta que o acompanhou, sem ter jamais feito qualquer queixa ou denúncia aos oficiais graduados: “quedou na tranqüila indiferença superior de um estóico”. Seu único gesto teria sido solicitar às autoridades que evitassem a vexação da curiosidade popular no dia de seu embarque para o Ceará. Segundo Euclides, “este pormenor curioso *ouvimo-lo a pessoa insuspeita*” (CUNHA, 2004, p. 146, *italico meu*). Se essa “fonte” não é nomeada, mas apenas autorizada como alguém passível de crença, em outra ocasião, discorrendo sobre os atos religiosos de Conselheiro que, em alguns casos com a condescendência dos párocos locais, chamava seus seguidores à reconstrução de igrejas envelhecidas sendo-lhe inclusive permitido realizar batismos, desobrigas, festas e novenas, à “fonte” é concedido seu nome: trata-se do tenente-coronel Durval Vieira de Aguiar, presente à cena relatada e que, por isso, aparece como “*testemunho valioso*” a dar-se crédito. É possível sugerir aqui que não é apenas a presença *in loco* o que define a validade desse tipo de registro; ao apontar sua profissão ou seu lugar social Euclides também acaba por criar um outro vínculo que autoriza esse tipo de relato. Em momento diverso, sobre as condições arquitetônicas de Canudos, a visita do padre “V. F. P., vigário de Itu,” ao arraial aparece como fonte valiosa, por ser “testemunho de um sacerdote”. E, já na terceira parte do livro, quanto à quantidade de jagunços escondidos por detrás de uma barranca oferecendo considerável resistência à expedição, o número de quarenta dado por um “espectador do quadro”, Dr. Albertazzi, parece digno de crença, já que retirado de um “depoimento fidedigno” e, acima de tudo, do médico da expedição, indivíduo cuja profissão reside justamente nas qualidades de bom observador (CUNHA, 2004, p. 150, 157, 230, 233, n. 68).

80

Os qualificativos em torno dos documentos e testemunhas utilizadas têm uma função legitimadora na escrita de Euclides da Cunha: eles portam certa garantia de veracidade, pois são autorizados pelo autor que os utiliza ao mesmo tempo em que autorizam a própria narrativa a que ele se presta, mesmo que os parâmetros da escolha não sejam plenamente esclarecidos ao leitor. Narradores *conscienciosos*, cronistas *sinceros*, dizeres *verídicos*, testemunhas *contestes*... Sua validade, contudo, não está apenas na definição positiva daquilo que eles são ou representam, mas também na determinação da sua contraparte, pelo negativo, isto é, os registros *não* dignos de fé. Acima de todos, são os sertanejos e os relatos populares os menos passíveis de crença. Sobre a versão existente de que Conselheiro teria assassinado a esposa e a mãe, antes que narrativa sincera ela aparece como “lenda arrepiadora”; é que “a imaginação popular, como se vê, começava a romancear-lhe a vida, com um traço vigoroso de uma originalidade trágica” (CUNHA, 2004, p. 145). A razão, como o próprio Euclides aponta, parece residir nas perversões que Antônio Conselheiro teria avultado no imaginário do povo. A inverossimilhança aqui é consequência patológica. No caso da vez em que o pregador de Canudos teria feito verter lágrimas de sangue em uma imagem da virgem santa, Euclides, mesmo situando o relato no âmbito das lendas, acrescenta surpreso: “ouvi o estranho caso a

peessoas que se não haviam deixado fanatizar!”. Alguns parágrafos adiante, acresce que “é natural. Espécie de grande homem pelo avesso, Antônio Conselheiro reunia no misticismo doentio todos os erros e superstições que formam o coeficiente de redução da nossa personalidade” (CUNHA, 2004, p. 153). Contudo, não obstante o seu aspecto lendário, que acaba por deslocar as pretensões de verdade que carregam, os relatos das populações do sertão povoam as páginas do livro, talvez não tanto com um caráter de prova daquilo que dizem, mas certamente como comprovação dos desvios de caráter que seu meio natural e social promove. Mas sobretudo, eles funcionam também para legitimar pelo avesso as narrativas e observações corretas e fidedignas. O recorte social dos registros críveis dos inverossímeis, que é também um recorte geográfico, pode ainda ser percebido por uma omissão importante que revela a escrita de *Os sertões*: o garoto Agostinho, que na caderneta de campo aparecia como fonte importante para Euclides, não encontra lugar referenciado nas páginas do livro. Marco Antonio Villa sugeriu uma razão plausível para a omissão: tal informante contradizia a explicação com base no milenarismo de Canudos e, dessa maneira, ele foi suprimido na escrita da obra (VILLA, 2002). Mas, além disso, o fato dele estar do “outro lado”, de ser um elemento oriundo do sertão, também pode ser colocado como razão forte para a escolha do escritor.

## 81

Novamente, a magnitude de uma das batalhas travadas na Bahia pôde ser assegurada por testemunhas fiéis. Se um “chefe expedicionário se confessou impotente para descrever a imensa ‘chuva de balas que desciam dos morros e subiam das planícies num sibilo horrível de notas’, que atordoavam”, por outro lado “o comandante da 1ª coluna, afirmou, em ordem do dia, que durante cinco anos, na guerra do Paraguai, jamais presenciara cousa semelhante” (CUNHA, 2004, p. 329). Além de testemunhos oculares, trata-se efetivamente de indivíduos que, por sua própria experiência, permitem situar com precisão as dimensões do ocorrido: são oficiais graduados e experientes do exército. Não obstante o fato de que mesmo eles, membros das forças republicanas, não tinham conhecimentos exatos sobre o inimigo, sem jamais ter ao menos uma vaga noção de seu número, cuja variação cria um lapso de informação importante: “os jagunços eram duzentos ou eram dous mil. Nunca se lhes soube, ao certo, o número. Na frente dos expedicionários o enigmático da campanha se antolhava mais uma vez, destinando-se a ficar para sempre indecifrável” (CUNHA, 2004, p. 340). O sertão não se deixa apreender impassível, confunde e dificulta a tarefa da observação e da produção de um conhecimento adequado sobre ele. Exemplo considerável é dado pelos relatos dos soldados. Apesar de pertencerem às forças civilizadoras, a longa presença em terreno inóspito acaba por corromper a validade de tais testemunhos. “Os soldados enfermos, em perene contacto com o povo, que os conversava, tinham-se, ademais, constituído *rudes cronistas* dos acontecimentos e confirmavam-nos mercê da forma imaginosa por que a própria ingenuidade lhes ditava os casos, *verídicos na essência, mas deformados de exageros*, que narravam” (CUNHA, 2004, p. 401, *italico meu*). Cabe notar que Euclides aponta para o fato de que

muitos dos soldados que compunham os quadros do exército eram de origem sertaneja. Perigo maior, o sertão perturba a vista e corrompe a verdade.

De tal sorte que o observador da primeira parte se faz novamente presente; aquele mesmo que penou para descrever a terra aparece agora nos perigos e nos engodos da imagem da cidadela tresloucada. “E no primeiro momento, antes que o olhar pudesse acomodar-se àquele montão de casebres, presos em rede inextrincável de becos estreitíssimos e dizendo em parte para a grande praça onde se fronteavam as igrejas, o observador tinha a impressão exata, de topar, inesperadamente, uma cidade vasta” (CUNHA, 2004, p. 273). Tal como o lugar onde foi construída, a favela ilude o observador que de longe a avistava. Finda a luta, quando o olhar próximo se torna enfim possível, tem-se uma noção assustadora de suas medidas:

Canudos tinha naquela ocasião – foram uma a uma contadas depois – cinco mil e duzentas vivendas; e como estas, cobertas de tetos de argila vermelha, mesmo nos pontos em que se erigiam isoladas mal se destacavam, em relevo, no solo, acontecia que as vistas, acomodadas em princípio ao acervo de pardieiros compactos em torno da praça, se iludiam, avolumando-a desproporcionalmente [...] A observação mais afincada, quando transitório armistício a permitia, não lograva distinguir um vulto único, a sombra fugitiva de um homem; e não se ouvia o rumor mais fugaz. (CUNHA, 2004, p. 440-441).

Aqui, Euclides traça com todas as cores o perigo mortal da observação: o olhar exato, como a contagem das casas, por exemplo, apenas ocorreu após o fim da luta quando, em certa medida, já não havia mais nada para ser visto. Durante o confronto, olhando por cima da favela, “que o observador, porém, não avultasse demais sobre o parapeito: as balas ressaltando a súbitas, de baixo, revelavam-lhe, de pronto, a população entocada” (CUNHA, 2004, p. 442).

A passagem acima indica, em poucas linhas, o traço fundamental que caracteriza o observador euclidiano: a distância. Sobre a luta, com a presença efetiva do narrador em campo (pelo menos por cerca de três semanas), ele que agora poderia assumir por completo a justaposição com o viajante que foi ensaiada anteriormente, ainda assim mantém-se a ruptura. Seja pelo perigo das armas seja pelo perigo do erro, fato é que o que se olha está sempre do outro lado, do *lado de lá*, jamais no mesmo ponto a partir de onde a observação acontece. Prova disso é a utilização quase imperceptível da primeira pessoa no caso do olhar; Euclides a utiliza em ínfimas passagens: além da já mencionada retirada da primeira parte em que ressaltava a dificuldade e a precariedade dos instrumentos, fez uso dela posteriormente, por exemplo, para descrever a personalidade singular de Moreira César (“vimo-lo nessa época”) (CUNHA, 2004, p. 250), embora não se tratasse de um momento contemporâneo ao conflito de Canudos. Outro exemplo, de fórmula semelhante e ainda não sobre o confronto, é encontrado na descrição do sertanejo e suas práticas de vaqueiro, notadamente na caçada da rês fugidia (“vimo-lo neste *steeple chase* bárbaro”)

(CUNHA, 2004, p. 106). Já sobre o contexto da expedição, uma passagem é significativa da sua presença: salientando que “a luta sertaneja não perdera por completo o traço misterioso, que conservaria até o fim”, em diversas ocasiões os soldados da República eram surpreendidos e “tinham entre as fileiras aguerridas irrefreáveis frêmitos de espanto. *Fui testemunha de um deles*” (CUNHA, 2004, p. 438, *itálico meu*). Em outra ocasião, sua presença é notada de maneira tangencial, embora não a partir da forma direta “eu vi”. É quando narra a cena da rendição de um grupo de sertanejos que acabam informando à tropa a morte de Conselheiro; trata-se, no livro, de uma longa citação retirada de seu diário de campo, o qual continha apontamentos “escritos à medida que se desenrolavam os acontecimentos”, ou seja, *in loco*. Em nota acrescenta uma informação importante que reitera todo o livro: “estas notas, esboçadas durante o dia no acampamento e completadas à noite, no alto da Favela – têm o valor da própria incorreção derivada do tumulto em que se traçaram” (CUNHA, 2004, p. 489 e n. 93).

Mesmo os seus olhos, portanto, nas poucas menções que deles são feitas, Euclides coloca numa posição de incerteza; mas esta, menos de uma imperfeição por parte do observador, deriva sobretudo do caráter singular e inesperado dos eventos. A distância que a princípio aparecia como requisito para a boa observância dos acontecimentos, uma vez que estes não obedeciam a nenhuma lógica possível e compreensível, desponta ela também como fator de dificuldade, a qual nem mesmo instrumentos óticos conseguem reduzir. Próximos ao calor dos últimos combates, já no interior do vilarejo, os oficiais observavam de maneira ímpar:

atestadas de curiosos, todas as casinhas adjacentes à comissão de engenharia formavam a platéia enorme para a contemplação do drama. Assestavam-se binóculos em todos os rasgões das paredes. Aplaudia-se. Pateava-se. Estrugiam-se bravos. A cena – real, concreta, iniludível – aparecia-lhes aos olhos como se fora uma ficção estupenda, naquele palco revolto, no resplendor sinistro de uma gambiarra de incêndios (CUNHA, 2004, p. 450-451).

No sertão, mesmo a realidade mais “iniludível” vista através de lentes de aumento e de uma visão complementada pela técnica do binóculo traz sempre o risco da ilusão e do fictício.

Esta é a razão da distância sempre ensejada na obra. Mas ela é também ambígua: condição prática para a observação proposta, é ao mesmo tempo a situação que faz o observador perder o equilíbrio. Nas últimas páginas do livro, após o anúncio direto – “fechemos este livro” – Euclides, em duas linhas, resume de forma lapidar todo o empreendimento do observador de *Os sertões*, significativamente valendo-se da primeira pessoa, como que num último ensaio para fazer convergir o que desde sempre esteve separado, isto é, o narrador e o viajante, a palavra e o olhar. Sua expressão é notável: “vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem...”. E esse olhar distante, atordoado pelo incrível e pelo excêntrico da

paisagem, é o que coloca em risco a própria palavra. Fecha-se o livro pois não há mais descrição possível para o que os olhos avistam mal e o espírito não compreende, pois “não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?...” (CUNHA 2004, p. 497).

Mariana, setembro de 2008.

## Referências bibliográficas

ABREU, Regina. **O enigma de Os sertões**. Rio de Janeiro: Funarte; Rocco, 1998.

BERNUCCI, Leopoldo. **A imitação dos sentidos**. *Prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1995.

\_\_\_\_\_. “Prefácio”. In CUNHA, Euclides da. **Os sertões: campanha de Canudos**. São Paulo: Ateliê Editorial; Imprensa Oficial do Estado; Arquivo do Estado, 2001.

CUNHA, Euclides. “Terra sem historia (Amazonia)”. In **Á margem da história**. 4ª. edição. Porto: Livraria Chardon, de Lelo & Irmão, L.da, 1926.

\_\_\_\_\_. **Os sertões**. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo, Ática, 2004.

\_\_\_\_\_. **Os sertões: campanha de Canudos**. São Paulo: Ateliê Editorial; Imprensa Oficial do Estado; Arquivo do Estado, 2001.

DROUIN, Jean-Marc. “De Linné à Darwin: les voyageurs naturelistes”. In SERRES, Michel (sous la direction de). **Éléments d’histoire des sciences**. Paris: Bordas, 1989.

FACIOLI, Valentim; NASCIMENTO, José Leonardo do (orgs.). **Juízos críticos: Os sertões e os olhares de sua época**. São Paulo: Nankin Editorial; Editora da Unesp, 2003.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Atualidade de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1941 (versão eletrônica disponível no site da Fundação Gilberto Freyre).

GOMES, Gínia Maria de Oliveira. **A travessia de uma Terra ignota: leitura de Os sertões, de Euclides da Cunha**. Tese de doutorado em Literatura Brasileira. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

GRAFTON, Anthony; SHELFORD, April; SIRAISSI, Nancy. **New Worlds, Ancient Texts: The Power of Tradition and the Shock of Discovery**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

LIMA, Luiz Costa. **Terra ignota: a construção de Os sertões**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

\_\_\_\_\_. **Euclides da Cunha. Contrastes e confrontos do Brasil**. Rio de Janeiro: Contraponto; Petrobrás, 2000.

\_\_\_\_\_. “Os sertões: história e romance”. In **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PAGDEN, Anthony. "Eighteenth-century anthropology and the 'history of mankind'". In KELLEY, Donald R. (edited by). **History and the disciplines: the reclassification of knowledge in early modern Europe**. Rochester: The University of Rochester Press, 1997.

PAREDES, Marçal de Menezes. **Memória de um ser-tão brasileiro: Tempo, história e memória em Os sertões de Euclides da Cunha**. Curitiba: Juruá Editora, 2002.

ROQUETTE-PINTO, E. "Euclides da Cunha naturalista". In **Seixos rolados (estudos brasileiros)**. Rio de Janeiro, 1927.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SANTANA, José Carlos Barreto de. "Geologia e metáforas geológicas em *Os sertões*". **Manguinhos - História, Ciências, Saúde**, vol. V (suplemento), 1998.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: O narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Livro I. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TURIN, Rodrigo. **Narrar o passado, projetar o futuro: Sílvio Romero e a experiência historiográfica oitocentista**. Dissertação de mestrado em história. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

VENTURA, Roberto. "Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha". In BRAIT, Beth (org.). **O sertão e Os sertões**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

\_\_\_\_\_. **Euclides da Cunha: Esboço biográfico**. Organização de Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VILLA, Marco Antonio. "O 'Diário de uma expedição' e a construção de *Os sertões*". In NASCIMENTO, José Leonardo (org.). **Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

ZANGARA, Adriana. **Voir l'histoire: Théories anciennes du récit historique. II<sup>e</sup> siècle avant J.-C. – II<sup>e</sup> siècle après J.-C.** Paris: Vrin/EHESS, 2007.